

O PROFESSOR É QUEM ESCREVE: O DIÁRIO DE PESQUISA COMO AUXÍLIO PARA O ESTUDO ETNOGRÁFICO EM EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Jessica Kelly Sousa Ferreira
jessikinhadp@hotmail.com

PPGFP

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente a ciência e o saber científico focavam seus estudos em objetos do conhecimento que fossem capazes de demonstrar resultados mensuráveis através de números, sendo assim, repetíveis. Essa abordagem é conceituada como abordagem quantitativa, e não dá importância ao prazer, à emoção, ao sentimento, ao psicológico, desejos, satisfações e/ou sofrimento das pessoas, elementos que normalmente caracterizaram, por algum tempo, o “não científico”.

Ao explorar perspectivas atreladas à realidade de sala de aula, assim como dos sujeitos que a compõem, não se concebe mais um olhar puramente científico que se preocupe apenas com o processo e com suas fases, com a mera aplicação do currículo, a educação não pode ser discutida somente sob o viés de verdades absolutas, sem considerar o “eu” do ser humano, discutido por Rubem Alves (2008).

Dessa forma, esse estudo aborda e sugere reflexões acerca de uma ciência que vai além de dogmas, mas que se preocupa também com os anseios, desejos, objetivos, motivações e insatisfações dos sujeitos que fazem a educação, procurando através disso, apresentar novos caminhos que auxiliem o trabalho com os saberes científicos se preocupando também com as peculiaridades (mesmo que não científicas, de acordo com a abordagem quantitativa) dos sujeitos envolvidos.

Sabemos que estudos qualitativos são frequentemente criticados pela ciência, porém, a educação pós-moderna não pode mais conceber estudos relacionados à educação que não coloquem em foco os diversos sujeitos inerentes a esses estudos. Assim, o conhecimento científico deve andar paralelamente ao conhecimento filosófico, poético, artístico, cotidiano, humano, psicológico, etc (ALVES, 2008).

Isso não quer dizer que se almeja o estabelecimento de verdades absolutas ou de modelos prontos, mas de um novo olhar que perceba que os seres humanos e os

conhecimentos estão em constante mutação e aprimoramento, e assim necessitam de novas abordagens que os satisfaça.

Nesta perspectiva, surge o papel do professor pesquisador (BORTONI-RICARDO, 2008), como aquele que pesquisa acerca de observações, reflexões e possíveis problemas identificados na sua prática, ou seja, no cotidiano do fazer educativo, na rotina da sala de aula, caracterizando assim, as pesquisas em educação.

Dentre as pesquisas educacionais, enfocaremos especificamente as pesquisas etnográficas na educação, que dão ao etnógrafo educacional os princípios básicos da descrição densa (GEERTZ, 1978), objetivação participante (BOURDIEU, 2004) e observação participante (SPRADLEY, 1981), com o objetivo de analisar e interpretar os dados acerca dos contextos e sujeitos a relatar (MATTOS E CASTRO, 2011).

Para isto, o professor pesquisador precisa de instrumentos que o auxiliem a realizar seu trabalho de forma satisfatória. Dentre tais instrumentos, abordaremos aqui o diário de pesquisa e sua contribuição para os estudos etnográficos na educação, visto que permite que o professor se posicione como pesquisador e que auxilia no processo da pesquisa e na compreensão e interpretação dos universos e sujeitos específicos.

2 PESQUISA QUALITATIVA

Por algum tempo, a ciência foi vista com um viés puramente racional e real, no sentido de comprovar, através de fenômenos repetíveis, a verdade absoluta de objetos reais. Essa comprovação se dava, através de formas matemáticas que eram capazes de fundamentar determinada lei científica. Este modelo de pesquisa exprimia, o que Severino (2007) chama de relação quantitativa, através de uma configuração experimental-matemática.

Entendemos assim que, nesta perspectiva, para um saber ser considerado real, verdadeiro e absoluto, precisava ser comprovado, essencialmente através de números, de quantidades.

É interessante reiterarmos que, embora seja uma abordagem científica de grande valia, a sistemática, o método, a razão e a lógica das abordagens quantitativas não respondem questões atreladas a outros tipos de realidades, que algumas vezes não demonstram respostas universais, mensuráveis. E isso ainda causa certo estranhamento no meio científico, causando algumas críticas as ciências humanas.

De acordo com Pereira (2005, p.27):

A ciência sempre se esforçou por eliminar tudo que dizia respeito à subjetividade, a fim de poder definir, reproduzir e comunicar os fatos. E o fez prolongando nossos sentidos por meio de instrumentos, via de regra de medir, o que acabou por determinar o tratamento meramente quantitativo dos fatos. Com isto, pensou-se que por meio da repetição dos experimentos fosse possível evitar o risco de erro. Nessa perspectiva, o fato científico nada mais é do que o fato mensurável [...] E para tornar essa descrição fiável, a ciência moderna valeu-se da linguagem matemática.

Acerca da contribuição da pesquisa qualitativa, Severino (2007) sugere que o estabelecimento de parâmetros e critérios na pesquisa quantitativa não abordava o conhecimento humano de forma satisfatória, visto que deixava escapar aspectos importantes atrelados à condição específica de sujeito.

É nessa perspectiva que nasce e ganha importância a abordagem qualitativa, pois viabiliza a reflexão e o entendimento acerca das especificidades dos sujeitos, mostrando a contribuição que tais análises podem trazer à compreensão do conhecimento humano, de maneira mais abrangente, mesmo não atingindo, por vezes, resultados universais e quantificáveis.

Nesse sentido, a abordagem qualitativa surge no final do século XIX como resposta à indagação dos cientistas sociais quanto ao entendimento do método de investigação das ciências físicas e naturais como modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais (ANDRÉ, 1995).

Observamos assim a preocupação com fenômenos sociais, envolvendo sujeitos diversos, fenômenos estes que são dinâmicos e complexos, que não podem ser explicados através de leis universais.

Ainda de acordo com André (idem), esse estudo deve levar em conta à interpretação dos significados, as inter-relações, a compreensão dos sujeitos e de suas ações.

Os universos das escolas, assim como de suas respectivas salas de aula, professores, alunos e demais sujeitos que fazem o sistema educacional estão inseridos dentro das realidades que necessitam de pesquisas em abordagens, majoritariamente, qualitativas.

É, portanto, através de pesquisas qualitativas que os pesquisadores enxergam a possibilidade de refletir, analisar, e compreender melhor as relações que se dão no âmbito da educação.

A abordagem quantitativa não satisfaz mais, quando as pesquisas enfocam sujeitos, e não mais apenas objetos, como é o caso das pesquisas em educação. O que dá um cunho complexo a esse tipo de abordagem, visto que lidar com sujeitos diversos, que pensam, refletem, sentem e agem de formas distintas pressupõe um trabalho árduo e reflexivo.

Observamos assim o surgimento de um novo paradigma, um tipo de pesquisa que retrate a realidade das salas de aulas, que se preocupe com o conhecimento atrelado à educação, e aos sujeitos que a compõem.

Veremos no tópico abaixo conceituações acerca das pesquisas situadas no âmbito educacional.

3 PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

Como vimos anteriormente, diferentemente da abordagem das pesquisas quantitativas que enfocam, primordialmente, os resultados de maneira quantificável e imutáveis, as pesquisas qualitativas no âmbito da educação privilegiam o processo, ou seja, os objetivos das pesquisas que envolvem elementos ligados à educação dão enfoque às características do processo que permitam a melhor compreensão das situações abordadas.

Corroborando com essa perspectiva Bortoni-Ricardo (2008, p.41) propõe que “quando se voltam para a análise da eficiência do trabalho pedagógico, esses pesquisadores estão mais interessados no processo do que no produto”.

Sendo, por si só, a atividade pedagógica um processo, pressupõe uma abordagem que viabilize a melhor compreensão dos sujeitos que a compõem, assim como de situações específicas, mas que podem ser relacionadas ao cotidiano de salas de aulas distintas.

Pereira (2005, p. 22) afirma que “toda atividade pedagógica é voltada para sujeitos”, assim como que as pesquisas em educação “não são voltadas para objetos, mas para sujeitos”.

Percebemos assim que as pesquisas em educação são complexas e necessitam de reflexões e análises minuciosas, que se preocupem em, além de tudo, entender que estas são compostas, por sujeitos que são, em sua gênese, diferentes.

É importante ainda salientar que esse tipo de pesquisa permite que se coloque em cheque o cotidiano da educação, o trabalho do professor, tornando-o, por vezes, o próprio analista e transformador do seu fazer docente, atrelado ao conhecimento científico da área.

Sabemos que a educação é frequente e historicamente questionada, principalmente em relação às transformações sociais. Visto que, à medida que a sociedade e seus sujeitos se transformam, torna-se necessária também a transformação da escola, e da forma em que atuam aqueles que fazem educação. Além disso, os próprios sujeitos da educação são aqueles que se questionam acerca de elementos diversos no cotidiano do seu trabalho. Entendemos assim que muitas das críticas relacionadas à educação são provenientes não somente da

sociedade, de forma geral, mas principalmente daqueles que fazem educação, e que almejam sanar as possíveis falhas que assolam os processos de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, os desafios da educação passam a ser também os desafios das pesquisas educacionais. De acordo com Ludke e André (1986, p. 7):

Justamente para responder as questões propostas pelos atuais desafios da pesquisa educacional, começaram a surgir métodos de investigação e abordagens diferentes daqueles empregados tradicionalmente. As questões novas vinham, por um lado, de uma curiosidade investigativa despertada por problemas revelados pela prática educacional. Por outro lado, elas foram fortemente influenciadas por uma nova atitude de pesquisa, que coloca o pesquisador no meio da cena investigada, participando dela e tomando partido na trama da peça.

Assim, compreendemos que a pesquisa em educação corresponde a uma busca pela redimensão do processo educativo, assim como do trabalho do professor, da forma de fazer educação. Baseando-se em reflexões da prática cotidiana e da forma em que se dão os processos de ensino e aprendizagem, contribuindo ainda para o encontro de possíveis soluções para problemas identificados.

Para Bortoni-Ricardo (2008) foi no começo dos anos 1980 que dois aspectos ganharam importância em relação à didática da sala de aula, foram eles: a interação professor-aluno e a qualidade do processo de aprendizagem, a partir daí os professores se motivaram a investigar sua própria prática, analisando o fazer pedagógico, a maneira de apresentar um conteúdo, assim como o processo de aprendizagem dos alunos.

A pesquisa em educação se dá, dessa forma, tendo como elemento principal, na maioria das vezes, o professor. Sendo o ator principal da pesquisa educacional, o professor reflete acerca do trabalho pedagógico, analisa e observa elementos atrelados à essa reflexão e a partir dessa inquietação realiza um estudo sistematizado e fundamentado em conhecimentos científicos para comprovar, ou não, as hipóteses construídas em relação aos questionamentos surgidos.

Esse tipo de professor, Bortoni-Ricardo (2008, p. 46) conceitua como “professor pesquisador”, e contribui ainda que “o professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática”.

Vale salientar ainda que embora se tratem de situações específicas, as pesquisas no âmbito educacional podem colaborar na melhoria de diferentes práticas pedagógicas, mesmo situadas em realidades cotidianas diferentes, para isto, é fundamental que o professor

pesquisador seja fiel aos seus dados, atentando sempre para a veracidade das informações (LUDKE E ANDRE, 1986).

A pesquisa educacional, fundamentada no fazer pedagógico, no trabalho cotidiano da sala de aula, é assim, uma forma de analisar, refletir e observar o micro, ou seja, uma realidade em específico, para melhor compreensão do macro, o fazer pedagógico.

Para este fim, Ludke e Andre (idem) afirmam ainda que, paulatinamente, foram aparecendo abordagens diversas, com metodologias diversas com o objetivo de realizar esse tipo de pesquisa. E assim, surgiram a pesquisa participante, a pesquisa-ação, a pesquisa etnográfica, o estudo de caso, etc.

Neste estudo, abordaremos, em específico, as pesquisas em educação com viés etnográfico. No tópico posterior, caracterizaremos os elementos da pesquisa etnográfica e seus principais postulados.

4 ETNOGRAFIA

Como ponto de partida para esta discussão, torna-se necessária a conceituação do termo etnografia, para melhor compreensão acerca do que se trata a pesquisa etnográfica.

Segundo Andre (1995, p.27):

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas.

Observamos assim que a abordagem etnográfica permite que o pesquisador estude, de forma minuciosa um grupo social em específico, observando e analisando sua cultura, assim como as manifestações e os elementos que caracterizam esse grupo. Compreendemos que para que isso seja possível, é necessário que o pesquisador se insira em determinado contexto, para que possa, de maneira fiel, descrever os elementos peculiares de realidades e sujeitos específicos.

Segundo Genzuk (1993) a etnografia favorece olhar de perto, baseando-se em experiências pessoais e em participação, e envolvendo três formas de coleta de dados, sendo eles: a observação, as entrevistas e os documentos, e três tipos de dados, que são: citações,

descrições, excertos de documentos, resultando no que se caracteriza como descrição narrativa.

A partir disso, torna-se viável que o pesquisador se insira de fato nos contextos, conhecendo os sujeitos e suas especificidades de forma abrangente, permitindo o detalhamento das informações, a partilha de situações diversas, e assim, a otimização na coleta dos dados.

Reiterando essa perspectiva, Laplatine (2007) diz que a etnografia nasce “a partir do momento no qual se percebe que o pesquisador deve ele mesmo efetuar no campo sua própria pesquisa, e que esse trabalho de observação direta é parte integrante da pesquisa”.

Dessa forma, percebemos que o etnógrafo precisa conhecer o outro, o que dá grande importância ao trabalho de campo, e aos instrumentos que possam auxiliar no tangente dos objetivos.

O etnógrafo educacional passa a ter como princípios básicos as tarefas da descrição densa (GEERTZ, 1978), objetivação participante (BOURDIEU, 2004) e observação participante (SPRADLEY, 1981), com o objetivo de analisar e interpretar os dados acerca dos contextos e sujeitos a relatar.

Através desses princípios, o pesquisador torna-se capaz de focar as especificidades, mas retornando e dando importância ao geral. Sendo assim, as teorias abordadas e os estudos etnográficos não se bifurcam, mas sim se complementam. Além disso, permitem ainda que o pesquisador estabeleça uma compreensão objetiva acerca do objeto e que seja capaz de realizar uma análise através de uma “falsa-participação” em um grupo estranho, ou seja, a participação é ativa, mesmo sendo realizada em um grupo estranho.

Para que essa coleta de dados seja satisfatória, o pesquisador precisa fazer bom uso dos recursos que proporcionam a coleta dos dados. Mattos e Castro (2011) elencam como instrumentos as entrevistas etnográficas, documentos, redações, gravações em vídeo, questionários, dentre outros.

De forma sintética, Severino (2007) diz que a pesquisa etnográfica tem como objetivo a compreensão da cotidianidade, dos processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Tratando-se, assim de um mergulho no microssocial, olhado com uma lente de aumento, relacionando-se assim com o macro. Ocorrendo através da aplicação de métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa.

Essa contribuição nos permite observar a correlação entre a pesquisa etnográfica e as pesquisas em educação, visto que ambas tem como objetivo principal a análise minuciosa de

situações e sujeitos em específico, e de suas características que permitam a descrição, interpretação e análise dos dados.

Ainda segundo Mattos e Castro (2011, p. 17) “através da etnografia debatia-se a possibilidade de ser possível dar voz aos sujeitos do fracasso”. Dentre esses sujeitos do fracasso, podemos identificar os alunos que por vezes sofrem com condições menos favorecidas, e ficam à margem da sociedade, excluídos socialmente.

As pesquisas etnográficas em educação, a serem discutidas posteriormente, permitem que esses sujeitos tenham voz, viabilizando que a pesquisa seja uma forma não somente de perceber esses sujeitos, mas também de permitir sua participação ativa visando a coleta de dados e os possíveis resultados da pesquisa.

Reiterando com essa perspectiva, Mattos e Castro (2011, p. 45) ainda sugerem que esse é o paradigma hermenêutico dos estudos etnográficos, que traz a tona uma nova concepção, que atrela os estudos etnográficos aos estudos na área educativa, afirmando assim que:

Fazer etnografia, portanto, é dar voz a uma minoria silenciosa; é caminhar em um mundo desconhecido, é abrir caminhos passando das contingências para a autodeterminação, para inclusão na escola, na vida social, no mundo da existência solidária e cidadã. [...] Fazer etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais.

Percebemos assim que essa abordagem é importante para observarmos de perto a realidade da educação, e das salas de aulas diversas, dando voz aos sujeitos que fazem os processos educativos, observando e monitorando esse grupo em específico, e construindo significados através da descrição e interpretação dos dados. Esses elementos caracterizam os estudos etnográficos na educação, abordado no tópico posterior.

4.1 ETNOGRAFIA E EDUCAÇÃO

De acordo com Andre (1995, p. 36) “o interesse dos educadores pela etnografia fica muito evidente na final dos anos 70 e tem como centro de preocupação o estudo da sala de aula e a avaliação curricular”.

Essa análise compreende, assim, as realidades atreladas ao contexto da sala de aula, a descrição de situações cotidianas provenientes do fazer pedagógico, do trabalho do professor, e das atitudes dos alunos. Ou seja, os estudos etnográficos na educação correspondem a análise e interpretação da prática pedagógica, através da avaliação e participação ativa dos sujeitos que a compõem.

Para isto, o conhecimento científico deve andar paralelamente ao conhecimento filosófico, poético, artístico, cotidiano, humano, psicológico, etc (ALVES, 2008).

Isso se dá, pois os elementos principais desse tipo de pesquisa passam a ser os sujeitos envolvidos no processo, e assim sendo, para compreendê-los, não basta uma análise de teorias científicas, mas também de elementos de correspondem à natureza humana, tais como os conhecimentos elencados na contribuição de Alves.

Esses estudos são, em sua maioria, provenientes de reflexões do próprio professor, que busca solucionar inquietações atreladas ao seu fazer pedagógico, ao processo de ensino e aprendizagem, essa abordagem permite que sejam redimensionadas as formas em que o professor ensina, e conseqüentemente, em que o aluno aprende.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p.41 apud Erickson, 1990) os etnógrafos que decidem pesquisar os contextos de escolas e/ou salas de aula, devem procurar responder três perguntas, que são:

1. O que está acontecendo aqui?;
2. O que essas ações significam para as pessoas envolvidas nelas? Ou seja, quais são as perspectivas interpretativas dos agentes envolvidos nessas ações?;
3. Como essas ações que têm lugar em um microcosmo como a sala de aula se relacionam com dimensões de natureza macrossocial em diversos níveis: o sistema local em que a escola está inserida, a cidade e a comunidade nacional?

Dessa forma, a pesquisa etnográfica em educação não pode se valer apenas da observação participante na busca de somente descrever o ambiente e os sujeitos relacionados à sala de aula. É importante compreender ainda que esse tipo de abordagem deve preocupar-se em atrelar as descobertas de dentro da sala de aula, com o contexto sociocultural que cercam a escola e os sujeitos que fazem a educação.

Observamos que a escola e a cultura não podem ser vistas de forma separadas, já que se relacionam constantemente, e assim sendo, são mutuamente influenciadas.

Nesse contexto, Wolcott (1975) demonstra a preocupação para que a etnografia escolar envolva a concepção de ensino e aprendizagem atrelada à um contexto cultural amplo.

Essa afirmação é ainda mais visível quando percebemos que as frequentes modificações que ocorrem na sociedade, pressupõem que a escola seja capaz de acompanhar tais transformações, permitindo que o fazer pedagógico seja satisfatório não somente dentro dos ambientes escolares, mas também fora dele.

Essa rápida transformação social, aumenta a cada dia a necessidade de redimensão da escola, e dos processos de ensino e aprendizagem. Ou seja, não se concebe mais que os

processos pedagógicos se baseiem em metodologias puramente tradicionais, enquanto a sociedade em que a escola está inserida tem se modificado, se modernizado.

Para isto, Andre (1995) afirma que a etnografia escolar não deve restringir seus princípios a descrever o cotidiano escolar, mas deve ser também um meio de reconstrução da prática escolar, redimensionando seu movimento, desvendando suas dimensões, contradições e sanando possíveis problemas identificados na efetivação do processo de ensino e aprendizagem, afirmando que o dinamismo da vida escolar não pode considerar as dimensões institucionais, pedagógicas e sociopolíticas/culturais de forma isolada.

Sendo educação e cultura elementos que se influenciam e não podem ser vistos separadamente, e sendo os estudos etnográficos da educação um caminho para unir a teoria e a pesquisa na educação, essa abordagem passa a ter um caráter não apenas descritivo, mas também interpretativo.

Essa interpretação viabiliza a mudança em relação às práticas pedagógicas, já que envolvem reflexões e críticas provindas dos sujeitos que fazem, vivem e produzem as situações educativas.

Corroborando com essas concepções, Mattos e Castro (2011, p. 20) descrevem que a etnografia educacional permite que o pesquisador seja capaz de “repensar políticas públicas e práticas educacionais na perspectiva dos sujeitos escolares e jovens em privação de liberdade”.

Os conceitos expostos neste artigo nos permitem compreender que as pesquisas em educação, e especificamente, os estudos etnográficos educacionais pressupõe uma continuidade, não somente em relação ao tempo, mas também ao espaço e as observações.

Para efetivar a continuidade da pesquisa, o etnógrafo educacional utiliza recursos e instrumentos diversos, dentre eles estão as conversas, entrevistas, questionários, assim como as anotações em diários de pesquisa, que são nosso objeto de estudo e que os auxiliam, inclusive, na conciliação das atividades de pesquisa com as atividades da docência (BORTONI-RICARDO, 2008).

Atentaremos a seguir para as contribuições que o diário de pesquisa pode trazer para o trabalho do etnógrafo educacional, assim como para o desenvolvimento da pesquisa, tal como um processo.

4.2 O DIÁRIO DE PESQUISA

Para o etnógrafo educacional a pesquisa científica, por vezes, passa a ter um caráter árduo, tendo em vista que este precisa conciliar as atividades da docência e da pesquisa, não podendo deixar de dar importância a nenhuma das duas perspectivas.

Além disso, o pesquisador precisa se utilizar de meios que viabilizem a sistematização das informações, para que a descrição e interpretação dos dados seja facilitada.

Nessa perspectiva, o diário de pesquisa funciona como um instrumento que favorece a prática da escrita do pesquisador etnógrafo, auxiliando-o na sistematização e organização das descobertas da pesquisa, assim como das possíveis reflexões atreladas ao processo da pesquisa em sala de aula.

Reiterando os conceitos que permeiam a prática da escrita de diários, Bortoni-Ricardo (2008, 47) contribui que “escrever em um diário é uma prática muito familiar aos professores e é possível fazer anotações entre uma atividade e outra, sem que isso tome muito tempo. O diário também é uma antiga prática de letramento bem consolidada em nossas culturas”.

Assim, os diários de pesquisa podem unir os dados descritivos e interpretativos da pesquisa, sendo capazes de retratar com fidelidade, não somente as descrições, mas também as percepções, reflexões, avaliações e especulações acerca da pesquisa.

Essa prática favorece, ainda, que o professor se identifique e se coloque como pesquisador, diante do contexto e dos sujeitos específicos a serem pesquisados.

Lewgoy e Arruda (2004, p. 123-124) pontuam que a prática da escrita dos diários de pesquisa viabiliza “o exercício acadêmico na busca da identidade profissional e permite a realização da reflexão da ação profissional cotidiana, revendo seus limites e desafios”.

Dessa forma, o diário de pesquisa permite que os papéis de profissional e pesquisador se influenciem mutuamente, e que os dados provenientes da escrita do professor possa ser uma constante fonte de informações, assim como de reflexões fundamentais para construção, desconstrução e reconstrução de elementos importantes para a pesquisa.

Vale salientar ainda que a escrita dos diários deve ser cotidiana, para que seja viável o registro e a observação de forma minuciosa, detalhada e fiel.

De acordo com Falkembac (s.d.) o diário de pesquisa deve ser organizado em três partes, que se complementam, são elas: A descrição, a interpretação do observado, e o registro das conclusões preliminares, dúvidas, imprevistos e desafios. Assim, o pesquisador torna-se capaz de estabelecer a relação entre sua observação e as reflexões feitas acerca disso, além de sistematizar todas as informações relevantes para a pesquisa.

É importante considerarmos ainda que não há regras pré-estabelecidas para a escrita do diário de pesquisa, o que realmente importa, nesse âmbito, é que o professor pesquisador

seja capaz de sistematizar elementos atrelados à sua pesquisa, e identificados no momento do cotidiano da pesquisa, que não podem, nem devem passar despercebidos, pois são fundamentais para a sistematização dos elementos da pesquisa, já que englobam características do dia-a-dia da prática escolar que permeiam as observações e análises do trabalho do pesquisador.

Bortoni-Ricardo (2008, p. 47) contribui ainda acerca da produção de diários de pesquisa afirmando que:

A produção de um diário de pesquisa varia muito de pessoa para pessoa, mas a literatura especializada traz sugestões para o conteúdo de diários dessa natureza. Os textos mais comuns que são incorporados aos diários são descritivos de experiências que o professor deseja registrar, antes que se esqueça de detalhes importantes. Sequências descritivas nos diários contêm narrativas de atividades, descrições de eventos, reproduções de diálogos, informações sobre gestos, entoação e expressões faciais. Esses detalhes podem ser muito importantes. Falas do próprio professor ou de outra pessoa devem ser reproduzidas o mais fielmente possível. Além de sequências descritivas, constam também dos diários as sequências interpretativas, que contêm interpretações, avaliações, especulações, ou seja, elementos que vão permitir ao autor desenvolver uma teoria sobre a ação que está interpretando.

É mister compreender assim que mesmo elementos que possam aparentar ser detalhes sem muita importância, são fundamentais para o andamento da pesquisa, que permitem a união da teoria abordada com a realidade do cotidiano da prática escolar. Além disso, a fidelidade em relação aos dados coletados e descritos nos diários corresponde a informações importantes na posterior construção do texto oficial por parte do etnógrafo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou reflexões acerca das abordagens qualitativas em pesquisas científicas, especificamente das pesquisas etnográficas na educação.

Essas reflexões são importantes, a medida que viabilizam a observação e análise acerca da importância de estudos que enfoquem a sala de aula, e o processo educativo de ensino e aprendizagem, dando importância à contribuição daqueles que fazem o processo educativo, como também de elementos atrelados ao cotidiano, que por vezes ficam mascarados no dia-a-dia e não despertam o interesse de pesquisas na educação.

Compreendemos assim que as pesquisas etnográficas na educação favorecem a percepção de possíveis problemas atrelados às práticas cotidianas educacionais que precisam

de uma maior reflexão por parte do professor pesquisador, e que instigue à criação de novos caminhos no fazer educativo.

Para isto, torna-se necessário que o etnógrafo adote recursos e instrumentos que facilite sua empreitada, tendo em vista que ele tem que conciliar o fazer de docente, e o fazer de pesquisador.

Concluimos, assim, que o diário de pesquisa pode funcionar como um elemento contribuinte para que o professor sistematize suas observações, análises e avaliações de forma descritiva, sendo capaz ainda de interpretá-las, e de estabelecer um “depósito” de informações que, a olho nu, podem parecer insignificantes, mas que exercem fundamental importância na observação participante, na compreensão dos contextos e dos sujeitos, na relação entre teoria e pesquisa, e na conseqüente organização da escrita científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 1995.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PEREIRA, Potiguara Acácio. O que é pesquisa em educação? São Paulo: Paulus, 2005.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. Tradução Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. (Org.) Etnografia e educação: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

LEWGOY, A.M.B.; ARRUDA, M.P. Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: a experiência do diário digital. In: Revista Textos e Contextos: coletâneas em Serviço Social. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FALKEMBACH, E.M.F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. Revista Contexto/Educação. Ijuí: UNIJUÍ, v.7, s.d.

WOLCOTT, H.W. Criteria for an ethnographic approach to research in education. Human Organization. 1975.

ALVES, Rubens. Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação. 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GENZUK, M. A synthesis of Ethnographic research. Occasional Papers Series. Center for Multilingual, Multicultural research. Rossier School of Education. Los Angeles: University of Southern California. 1993. Disponível em: < http://www-bcf.usc.edu/~genzuk/Ethnographic_Research.html> Acesso em: 03 de agosto de 2013